FRENTE + FARIA

Brazil



HEART & SOUL



FRENTE + FARIA

Brazil
HEART & SOUL

Exposição: Brazil: Heart & Soul
Abertura: Sexta, 5 de setembro de 2025, das 18h às 21h

Período expositivo: De 5 de setembro a 20 de dezembro de 2025

Local: Frente + Faria
35 East 67th Street, 4th Floor - New York, NY 10065 - USA
+1 212 517 4609

PDF INTERATIVO





Apresentação

James Acacio Lisboa + Henrique Faria

A arte brasileira, em toda a sua diversidade e riqueza, vive um momento de crescente visibilidade no cenário internacional. Nos últimos anos, o fortalecimento das conexões culturais e comerciais entre o Brasil e os principais centros de arte do mundo tem impulsionado iniciativas que ampliam o alcance da nossa produção, inserindo-a em um diálogo global cada vez mais consistente.

A Frente + Faria nasce nesse contexto, fruto da união de duas trajetórias consolidadas: Henrique Faria, referência desde 2001 no mercado nova-iorquino, reconhecido por seu trabalho pioneiro na promoção da arte latino-americana, e James Acacio Lisboa, à frente da Galeria Frente desde 2015, especialista no mercado secundário de arte moderna e contemporânea brasileira. Após mais de duas décadas de colaboração informal, unimos nossas expertises para criar uma plataforma que coloca a arte brasileira em evidência no exterior, com curadoria criteriosa e compromisso institucional.

A nova sede, localizada em 35 East 67th Street, 4º andar, Nova York, representa um passo decisivo nessa missão. Mais do que um espaço expositivo, trata-se de um ponto de encontro entre Brasil, América Latina e o mundo, voltado a apresentar projetos que ressaltem a relevância histórica, estética e cultural de nossos artistas. Nosso objetivo é promover não apenas a comercialização de obras, mas também a pesquisa, a valorização e a difusão de um patrimônio artístico que merece ser reconhecido em sua plenitude.

A exposição inaugural, "Brasil: Coração e Alma", com curadoria de Jacob Klintowitz, traduz essa visão: um conjunto de obras que evidencia a pluralidade e a força expressiva da arte brasileira — de mestres consagrados a vozes essenciais da arte popular e afro-brasileira — reunidas para dialogar com um público internacional exigente e atento.

Com este projeto, reafirmamos nossa convicção de que a arte brasileira, em diálogo com a produção latino-americana, tem um papel central a desempenhar na narrativa cultural global. Nosso compromisso é contribuir para que essa arte seja não apenas vista, mas reconhecida, estudada e apreciada, ocupando o lugar de destaque que lhe é devido no panorama mundial.



Coração e alma.
O ser brasileiro.

Jacob Klintowitz

Olhar brasileiro.

Poucas vezes encontramos um panorama da arte e da cultura brasileira como este, tão marcado pela autenticidade e veracidade. Mais do que a aparência de facilidades, nesta exposição encontramos o recorte profundo do ser brasileiro. Não é exagero dizer que esta mostra coletiva nos revela muito do que somos. Não apenas nos reconhecemos na mostra, mas ela dialoga conosco, pois nos apresenta manifestações ocultas da nossa aventura neste continente.

É um retrato?

É a constatação do desejo, do afeto, da empatia, do sentimento do ser. É mais do que um retrato: é o aprofundamento do psiquismo, das crenças, da vivência nacional. Talvez, mais justo dizer, que essa mostra antológica é capaz de dialogar com a verdadeira alma brasileira, com aquilo que nos possibilitou produzir uma arte tão vigorosa.

Reunir uma série de artistas tão diferentes entre si – desde a elaboração conceitual ao ápice da meditação estética – com criadores ingênuos e capazes de espontaneidade expressiva é tarefa complexa. Artistas que registram o seu cotidiano e artistas que criam universos a partir da intuição. E essa ação audaciosa resultou num depoimento visual e muralístico do que somos.

Comovente.

A sutileza da elaboração da intuição e o registro interpretativo do mundo cotidiano. É possível dizer que esta é a robusta representação da arte brasileira. É mais completo afirmar, na verdade, que este é um complexo panorama do coração e da alma, duas coisas simbólicas que não podemos definir, mas podemos verbalizar.

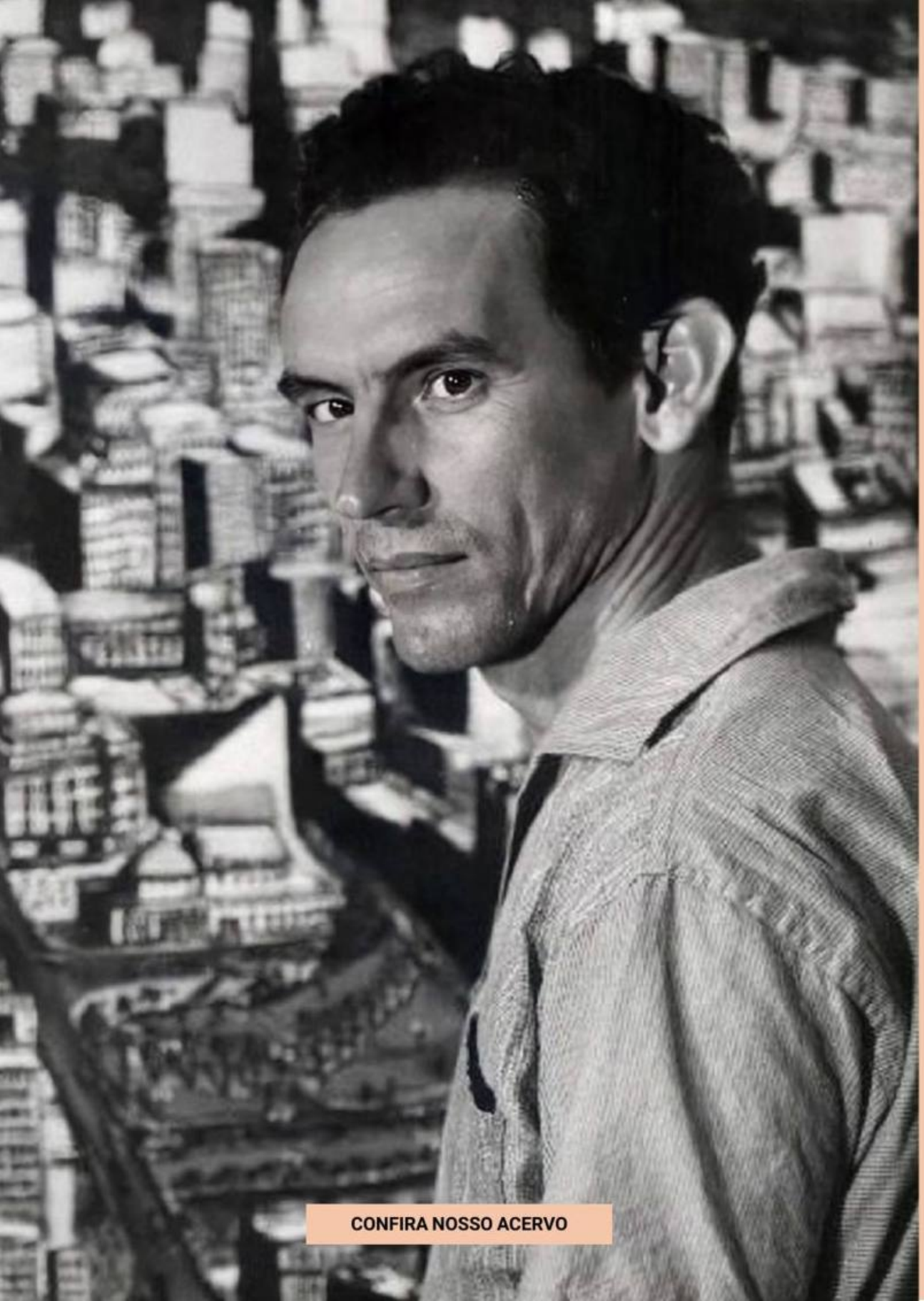
O que unifica esta mostra antológica é justamente a conotação emotiva na qual se inclui o gesto, a intuição, o aspecto sutil, a forma reveladora. É coração, é alma. É o saber.

Acrescente-se que a qualidade dos artistas selecionados é extrema. De cada um deles, emana tanta força que requer atenção única. O sonho lírico, a imaginação sem limites, a espontaneidade e o delírio tornam extraordinário e precioso o trabalho de Agostinho Batista de Freitas, Francisco da Silva, Heitor dos Prazeres, José Antônio da Silva, Maria Auxiliadora da Silva, Miriam Inês da Silva, Valdomiro de Deus, Rosina Becker do Vale, Conceição dos Bugres.

Alfredo Volpi e Eleonore Koch, com o seu refinamento gráfico e a sutileza cromática, estão entre os principais artistas brasileiros do século 20.

Rubem Valentim trouxe para a arte erudita os símbolos religiosos do Candomblé e os estudou com sabedoria geométrica. Mestre Didi, artista oriundo da cultura afro, pintou e esculpiu os símbolos da Candomblé com verismo e lírica poesia. E Raimundo de Oliveira, mestre do universo sacro, marcou a nossa arte com a força de uma síntese gráfica e virtuosismo cromático.





Agostinho Batista de Freitas (1927 - 1997)

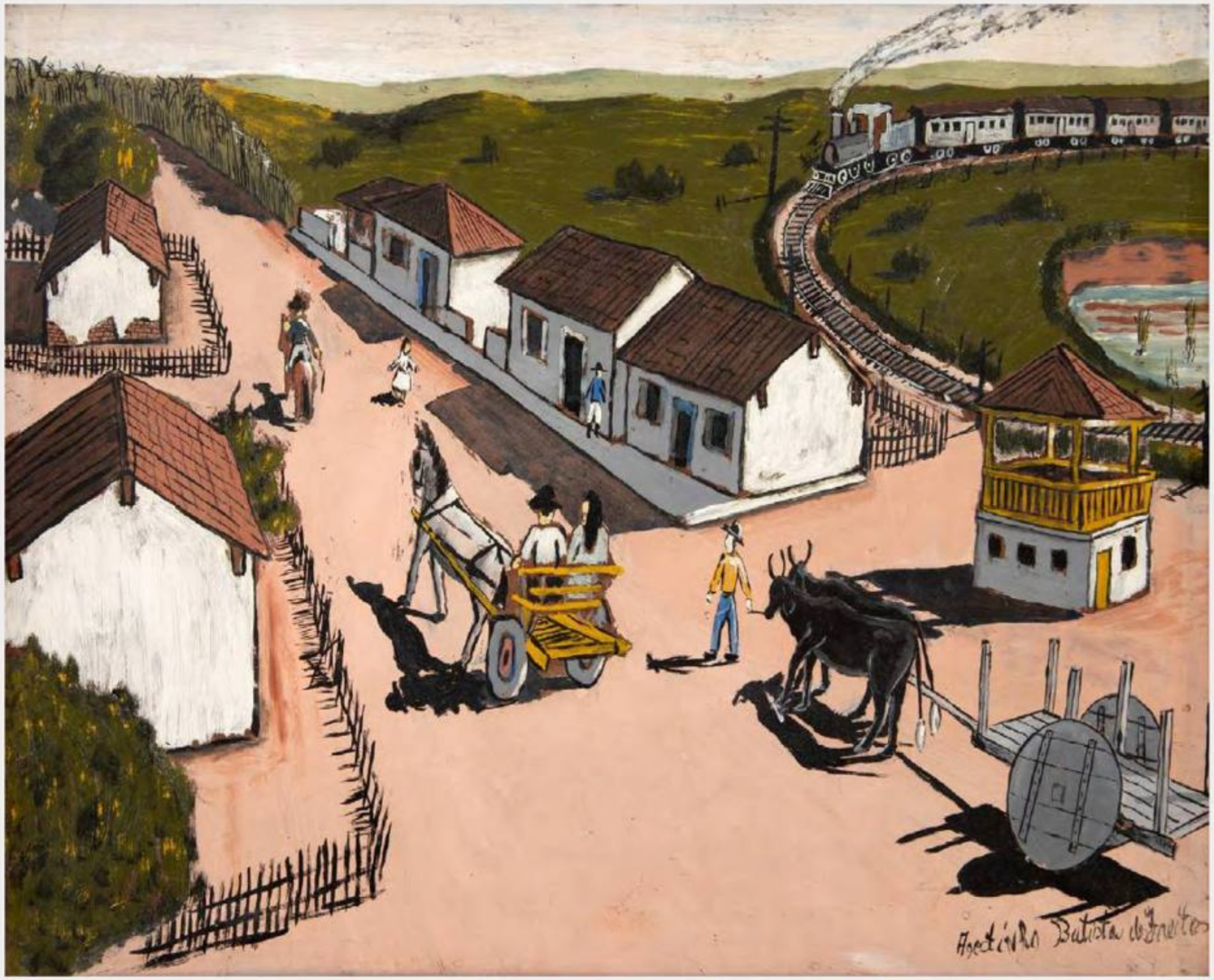
Paulínia, São Paulo - São Paulo, São Paulo, Brasil

Agostinho Batista de Freitas foi um dos nomes mais singulares e emblemáticos da arte brasileira do século XX. Nascido em 1927 no distrito de Paulínia, em Campinas, interior de São Paulo, e sem formação artística formal, iniciou sua trajetória como eletricista. A partir da década de 1950, passou a se dedicar à pintura como autodidata, vendendo suas obras nas ruas do centro de São Paulo.

Foi nesse contexto que chamou a atenção de Pietro Maria Bardi, renomado curador e diretor do Museu de Arte de São Paulo (MASP), que reconheceu imediatamente o valor artístico de sua visão única da cidade. Bardi encomendou-lhe uma pintura panorâmica de São Paulo vista do alto e, em 1952, organizou a primeira exposição individual de Agostinho Batista de Freitas no MASP.

Sua obra se destaca pela representação vívida e detalhada da paisagem urbana paulistana. Com cores intensas e composições meticulosas, Freitas capturou a alma de uma metrópole em transformação, com um olhar ao mesmo tempo documental e poético. Através de sua arte, ele eternizou cenas do cotidiano, a arquitetura e a vida pulsante da cidade de São Paulo.

Agostinho Batista de Freitas é celebrado como um dos grandes representantes da arte popular brasileira, tendo conseguido transpor as barreiras sociais e institucionais para firmar-se como artista respeitado e reconhecido. Sua obra contribui de forma significativa para a compreensão da identidade urbana e cultural do Brasil no século XX.



Agostinho Batista de Freitas

Paisagem Rural com Trem, Déc. 1950
óleo sobre eucatex
40 x 49 cm
assinatura inf. dir.

Agostinho Batista de Freitas

Vista da Cidade, 1984
óleo sobre tela
70 x 120 cm
assinatura inf. esq.







CONFIRA NOSSO ACERVO

Alfredo Volpi (1896 - 1988)

Lucca, Italy - São Paulo, São Paulo, Brasil

Alfredo Volpi é uma das figuras mais marcantes da arte brasileira do século XX, reconhecido por seu estilo único que uniu tradição popular e modernismo com extraordinária sensibilidade formal.

Nascido em 1896 na cidade de Lucca, na Itália, Volpi imigrou ainda criança para o Brasil, estabelecendo-se com a família no bairro do Cambuci, em São Paulo. Começou sua carreira como pintor decorativo, mas logo desenvolveu um percurso artístico próprio, tornando-se autodidata. A sua formação empírica, aliada ao olhar atento à cultura brasileira e às vanguardas europeias, resultou numa obra singular e profundamente brasileira.

Volpi é amplamente conhecido por suas "fachadas" e, principalmente, pelas emblemáticas "bandeirinhas", formas geométricas coloridas inspiradas nas festas populares do Brasil. Com uma paleta luminosa e técnica refinada – especialmente o uso da têmpera –, suas obras dialogam com a arquitetura, a simbologia popular e os princípios do modernismo. Sua arte é, ao mesmo tempo, rigorosa e lúdica, abstrata e enraizada na cultura do povo.

Ao longo de sua carreira, Volpi foi amplamente reconhecido no Brasil e no exterior. Participou de várias edições da Bienal de São Paulo e, em 1953, recebeu o Prêmio de Melhor Pintor Nacional, consolidando seu papel central na arte brasileira.

A obra de Alfredo Volpi é uma ponte entre o Brasil moderno e suas raízes culturais, entre a sofisticação plástica e a simplicidade popular. Sua presença nesta exposição oferece ao público americano uma oportunidade única de entrar em contato com uma das expressões mais autênticas e refinadas da arte latino-americana.



Alfredo Volpi

A Casa da Ladeira - Mogi das Cruzes, Déc. 30
óleo sobre tela
60 x 80 cm
assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi IAVAM 2691.
Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 76.
Participou da exposição "Entreolhares, poética d'alma brasileira", no Museu Afro Brasil, curadoria de Edna Matozinho de Pontes e Fabio Magalhães, 2016, p. 162.
Livro: ARAÚJO, Olívio Tavares de. A. Volpi. São Paulo: Art Ed.: Círculo do Livro, 1984. (Grandes artistas brasileiros).p.36.

Alfredo Volpi

Itanhaém, 1940
óleo sobre tela
57 x 80 cm
assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné de Volpi ACOAV 0053.
Publicada no Alfredo Volpi: Catálogo de obras. Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna. São Paulo, 2015. P. 94.
Participou da exposição: Retrospectiva Volpi, Museu de Arte Moderna de São Paulo - 10/1975 - 11/1975.
Reproduzido no catálogo da mostra: COELHO, Diná Lopes (Org.). Retrospectiva Alfredo Volpi. Apres. Paulo Mendes de Almeida. São Paulo: Museu de Arte Moderna, 1975. sem página. Ex-coleção Domingos Giobbi





Alfredo Volpi

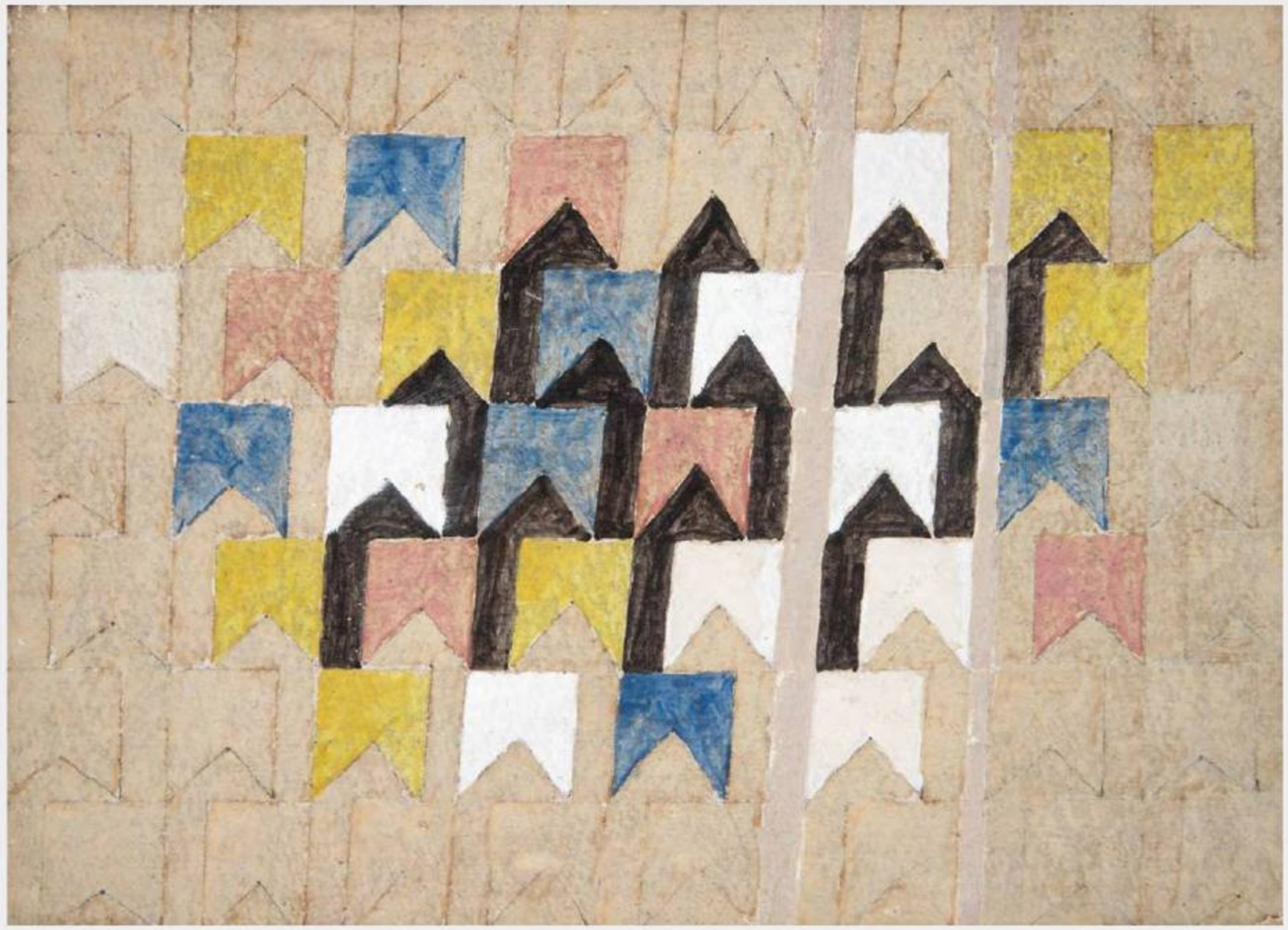
Sem Título, Déc. 1960
têmpera sobre tela
47,5 x 31,5 cm
assinatura inf. dir.

Registrada no Catálogo Raisonné
de Volpi ACOAV 1861. Publicada no
Alfredo Volpi: Catálogo de obras.
Instituto Alfredo Volpi de Arte Moderna.
São Paulo, 2015.pág. 263.

Alfredo Volpi

Bandeirinhas, Déc. 60
têmpera sobre cartão
24 x 33 cm
assinatura no verso

Reproduced in the artist's catalogue raisonné on
page 245 under registration ACOAV - 1184.





Alfredo Volpi

Fachada com bandeirinhas, Déc. 60
guache sobre papel colado em placa de madeira aglomerada
33 x 42 cm
assinatura inf. dir.

Reproduzido no Raisonné do Artista na pág 198, sob registro ACOAV - 1188.

Alfredo Volpi

Bandeiras Azuis
têmpera sobre cartão colado em eucatex
65 x 50 cm
assinatura inf. dir.

Etiqueta da "Galeria Contorno" no verso,
datada 1983.





Amadeo Luciano Lorenzato (1900 - 1995)

Belo Horizonte, Minas Gerais - Brasil

Amadeo Lorenzato é um dos grandes nomes da arte brasileira do século XX, cuja obra ocupa um lugar singular entre a arte popular e a moderna. Nascido em Belo Horizonte, em 1900, filho de imigrantes italianos, Lorenzato viveu entre o Brasil e a Europa, onde trabalhou como pintor de paredes e teve contato com a arte clássica e moderna, especialmente durante sua passagem pela Itália e França.

De volta ao Brasil nos anos 1940, passou a desenvolver uma pintura autoral, marcada por um estilo inconfundível: composições simples, cores terrosas e texturas densas, criadas com ferramentas artesanais como pincéis feitos por ele mesmo e até pentes e pregos. As paisagens urbanas e rurais de Minas Gerais, cenas do cotidiano e formas arquitetônicas são temas recorrentes em sua obra, sempre retratados com um lirismo silencioso e profundo.

Apesar de ter sido autodidata, Lorenzato dominava com grande sensibilidade os elementos da pintura: a forma, a cor, a linha e a superfície. Sua produção é fruto de uma observação atenta do mundo à sua volta, aliando memória, emoção e técnica. Sua arte não busca o espetáculo, mas revela a beleza discreta da vida comum.

Nos últimos anos, sua obra tem ganhado crescente reconhecimento internacional, sendo apresentada em importantes exposições e coleções. A presença de Amadeo Lorenzato nesta mostra é uma oportunidade especial para o público americano conhecer um artista cuja simplicidade formal esconde uma complexidade poética e cultural profundamente brasileira.



Amadeo Lorenzato

Sem Título, 1976
óleo sobre placa
39,5 x 33 cm
assinatura inf. dir.

Amadeo Lorenzato

Sem Título, 1977
óleo sobre placa
39 x 32 cm
assinatura inf. dir.









Cássio M’Boy (1903 - 1986)

Mineiros do Tietê, São Paulo - São Paulo, São Paulo, Brasil

Pintor, escultor, decorador, designer, figurinista e vitralista, Cássio M’Boy iniciou seus estudos em São Paulo, frequentando aulas de desenho e anatomia ministradas pelo pintor alemão Georg Elpons (1865–1939). No Rio de Janeiro, teve contato com a Escola Nacional de Belas Artes (Enba).

Durante a década de 1920, aproximou-se do grupo modernista paulista e produziu estampas para tecidos, design de móveis e trabalhos de decoração. Viveu no município de Embu, onde se dedicou à escultura de imagens sacras.

Em 1934, participou do 1º Salão Paulista de Belas Artes, na categoria artes aplicadas. Três anos depois, foi premiado na Exposição Internacional de Artes e Técnicas de Paris com a escultura Fuga para o Egito. Em 1938, apresentou obras no Salão de Maio.

Realizou sua primeira individual em 1950, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP). Nesse mesmo ano, participou do Salão de Tóquio, e, em 1952, integrou a comitiva brasileira na 26ª Bienal de Veneza. Entre outras mostras individuais, destacam-se as realizadas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (1961) e no Paço das Artes, em São Paulo (1970).

Após sua morte, seus trabalhos integraram exposições importantes, como Arte Construtiva no Brasil: Coleção Adolpho Leirner (MAM/SP, 1998; MAM/RJ, 1999) e O Art Déco Brasileiro: Coleção Fulvia e Adolpho Leirner (Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008).

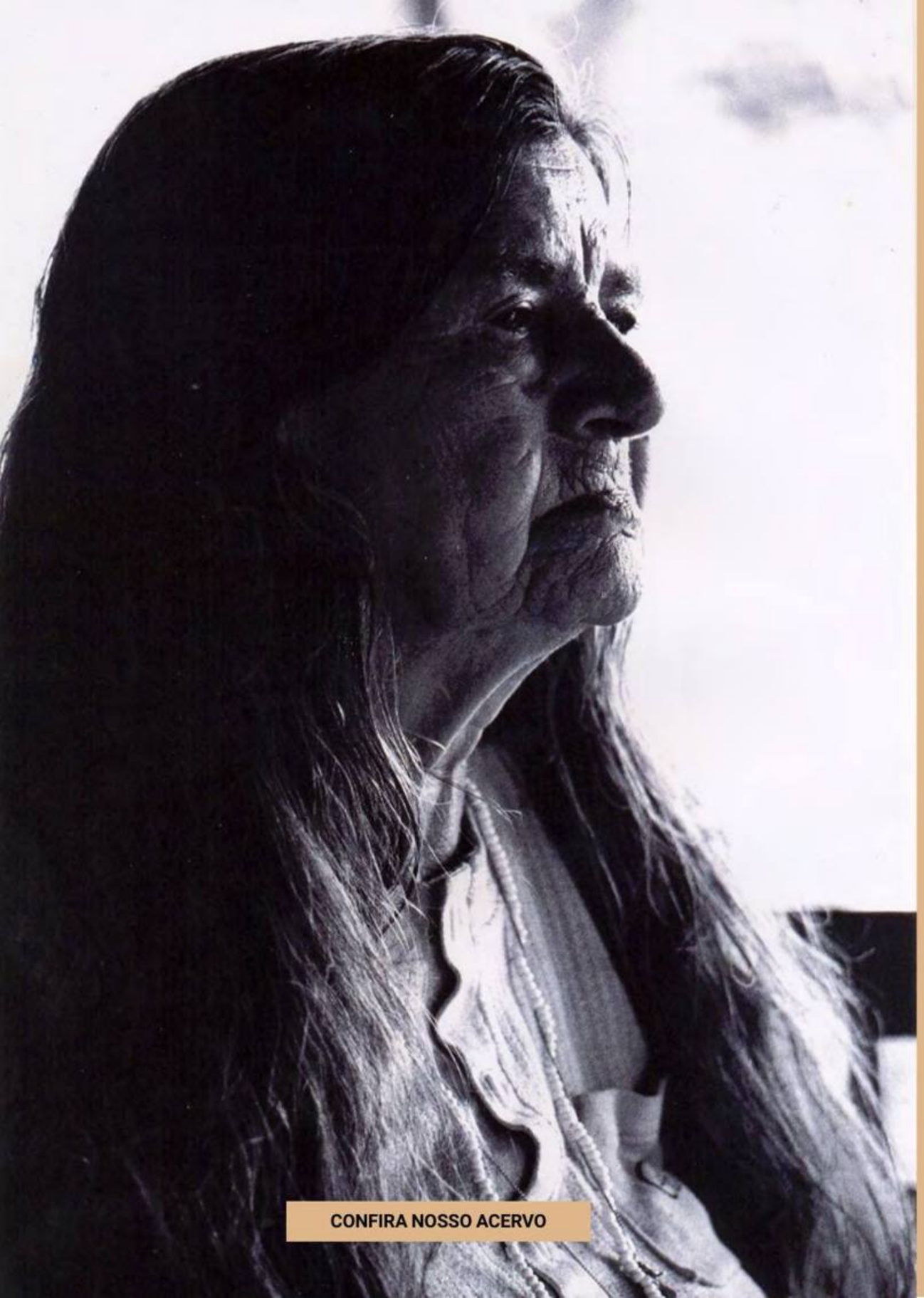
Sua obra transita entre o design e as artes visuais, unindo influências do art déco a temas populares e religiosos, o que lhe garantiu um lugar singular na história da arte brasileira do século XX.



Cassio M'boy

Sem Título
óleo sobre tela
100 x 81 cm
assinatura inf. dir.





Conceição dos Bugres (1914 - 1984)

Povinho de Santiago (atual município de Santiago), Rio Grande do Sul, Brasil - Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

Conceição Freitas da Silva, conhecida como Conceição dos Bugres, é uma das mais importantes escultoras populares do Brasil, reconhecida por seu trabalho singular em madeira e, principalmente, em pedra-sabão.

Autodidata, desenvolveu um estilo inconfundível, marcado por figuras humanas simplificadas, de formas arredondadas e rostos serenos, conhecidas como "bugrinhos". Essas esculturas, muitas vezes dispostas em grupos ou famílias, revelam uma sensibilidade única para representar a presença, a ancestralidade e o afeto de maneira concisa e simbólica.

Sua obra dialoga com o imaginário popular e com as tradições artesanais do interior do Brasil, ao mesmo tempo em que se aproxima, pela síntese formal e força expressiva, de princípios da escultura moderna. Com peças de dimensões variadas — do pequeno objeto à escultura de maior porte —, Conceição dos Bugres construiu um legado que atravessa fronteiras entre arte popular e erudita.

Ao longo de sua vida, suas criações conquistaram colecionadores, museus e instituições, tornando-se ícones da escultura brasileira do século XX. Sua presença nesta exposição permite ao público conhecer uma obra de rara pureza formal, profundamente enraizada na cultura brasileira e dotada de alcance universal.



Conceição dos Bugres

Sem Título
escultura em resina e madeira
36 x 18 x 20 cm


w H.W.A, 249 Mottingham
v L, 112 Estcourt Rd SE25
I.D, 14 Hawkesbury Rd SW15
John, 10 Abbotsbury Clo W14
Sydney Rd NW
Weir Hall Rd N
Sq NW8
Ct EC4
Ct EC4



Eleonore Koch (1926 - 2018)

Berlin, Germany - São Paulo, São Paulo, Brasil

Eleonore Koch foi uma pintora nascida na Alemanha e radicada no Brasil, cuja obra ocupa um lugar singular na história da arte brasileira do século XX. Nascida em Berlim, em 1926, mudou-se com a família para o Brasil em 1936, estabelecendo-se em São Paulo. Sua trajetória transita entre as tradições modernistas e uma visão profundamente pessoal e introspectiva, marcada por um refinado senso de forma, cor e espaço.

Koch estudou com importantes artistas brasileiros, entre eles Yolanda Mohalyi, e, por um breve período, com Alfredo Volpi, de quem absorveu o rigor no uso da cor e na construção compositiva. Na década de 1950, mudou-se para Paris, onde estudou na École du Louvre e aprofundou seus conhecimentos em história da arte. Essa experiência europeia, somada à vivência brasileira, moldou sua linguagem artística única.

Suas pinturas são conhecidas pela quietude, pela geometria precisa e pelas sutis harmonias cromáticas. Retratando frequentemente objetos do cotidiano — cadeiras, mesas, vasos e janelas —, Koch transformava elementos simples em composições meditativas que exploram as relações entre figura e espaço, luz e sombra, presença e ausência.

Embora tenha mantido um perfil discreto durante grande parte de sua carreira, a artista passou a receber maior reconhecimento a partir dos anos 1980, no Brasil e no exterior. Hoje, suas obras integram importantes acervos museológicos e são celebradas por sua contenção poética e elegância atemporal.

Sua presença nesta exposição convida o público a descobrir a beleza contemplativa de sua produção, que combina a sensibilidade modernista europeia com a luminosidade e a intimidade da arte brasileira.



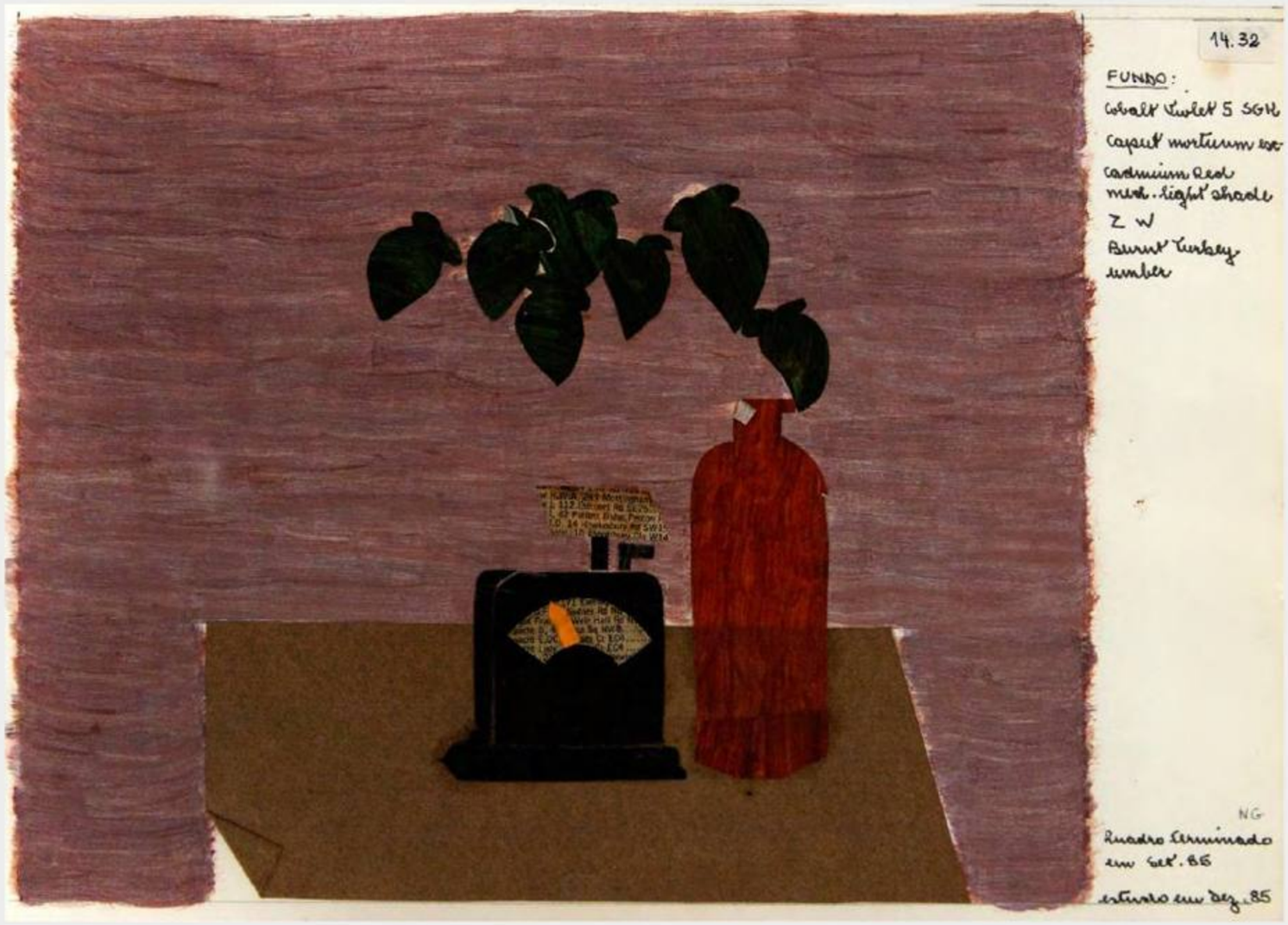
Eleonore Koch

Estatua, 1972
carvão sobre papel
37 x 46 cm
assinatura inf. esq.

Eleonore Koch

Sem Título, 1997
técnica mista sobre papel
21 x 29 cm



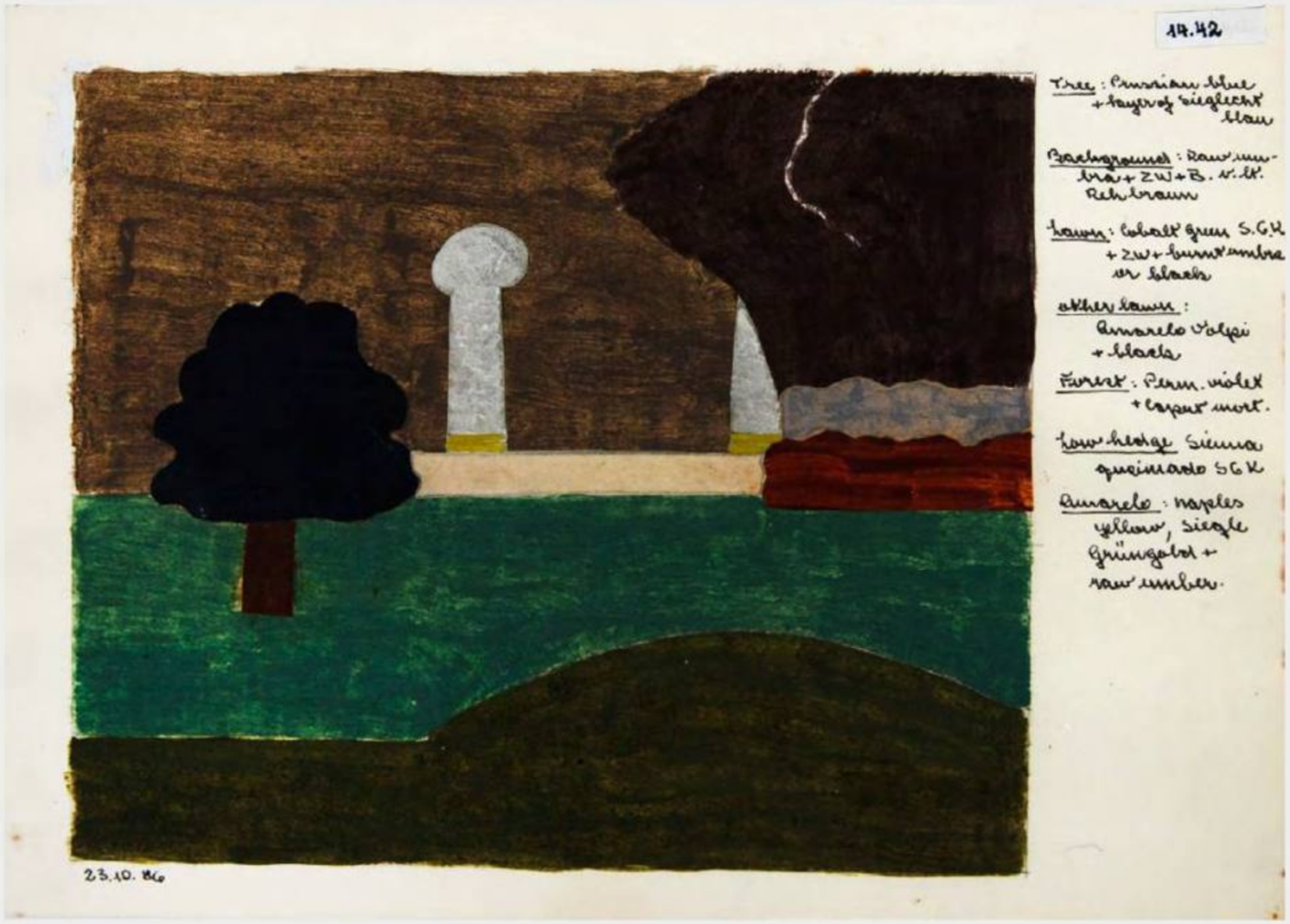


Eleonore Koch

Sem Título, 1985
técnica mista sobre papel
21 x 30 cm

Eleonore Koch

Sem Título, 1986
técnica mista sobre papel
21 x 30 cm







CONFIRA NOSSO ACERVO

Francisco da Silva (1941 - 2017)

Cruzeiro do Sul, Acre - Fortaleza, Ceará, Brasil

Francisco Domingos da Silva, conhecido como Chico da Silva, foi um dos mais significativos artistas autodidatas da arte naïf brasileira. Nascido em 1910 no Acre, cresceu em meio à exuberância da floresta amazônica e muito cedo começou a desenhar em muros de casas de pescadores, usando carvão, giz e pigmentos naturais.

Na década de 1940, seu trabalho chamou a atenção do crítico suíço Jean Pierre Chabloz, que o apresentou ao mundo artístico, introduzindo-o às técnicas de guache e óleo. O estilo singular de Chico, com suas criaturas fantásticas — dragões, aves, serpentes — e sua paleta vibrante, logo ganhou notoriedade em exposições no Brasil e na Europa.

Sua arte foi reconhecida internacionalmente com Menção Honrosa na Bienal de Veneza em 1966, e ele participou de importantes mostras, como salões em Paris e exposições no Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará em Fortaleza. Ainda, em Fortaleza, fundou a influente "Escola do Pirambu", um núcleo coletivo de produção artística comunitária.

A estética de Chico da Silva se expressa por meio de composições vívidas e movimentadas, com criaturas míticas e fauna tropical reimaginadas em formas gráficas intensas — resultado direto de sua vivência e observação da natureza, repletas de imaginação e energia visual.

Sua obra permanece viva em coleções como a Pinacoteca de São Paulo, o Centre Pompidou, a Tate em Londres e o Museu de Arte do Rio (MAR).

Chico da Silva faleceu em 1985, em Fortaleza, mas seu legado ressurge constantemente por meio de exposições retrospectivas e resgates críticos de sua relevância dentro da história da arte brasileira contemporânea.



Francisco Da Silva

Dragão Alado, 1967
guache sobre papel
55 x 75 cm
assinatura inf. esq.

Francisco Da Silva

Dragão Marinho, 1967
guache sobre papel
56 x 75 cm
assinatura inf. dir.



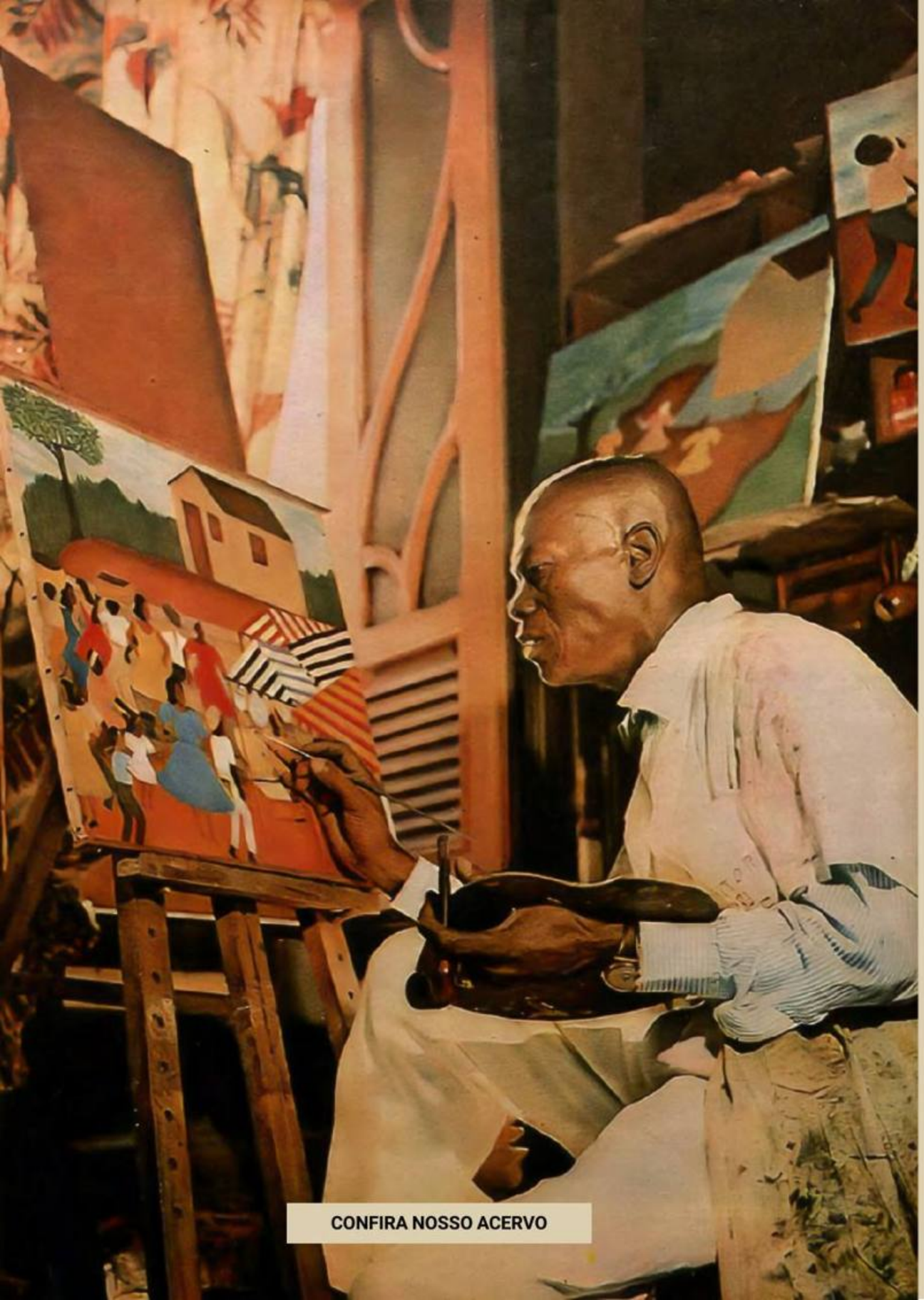


Francisco Da Silva

Dragão Farejador, 1967
guache sobre papel
56,5 x 77 cm
assinatura inf. esq.

Participou de Exposição na
Pinacoteca de SP e Ceará.





Heitor dos Prazeres (1898 - 1966)

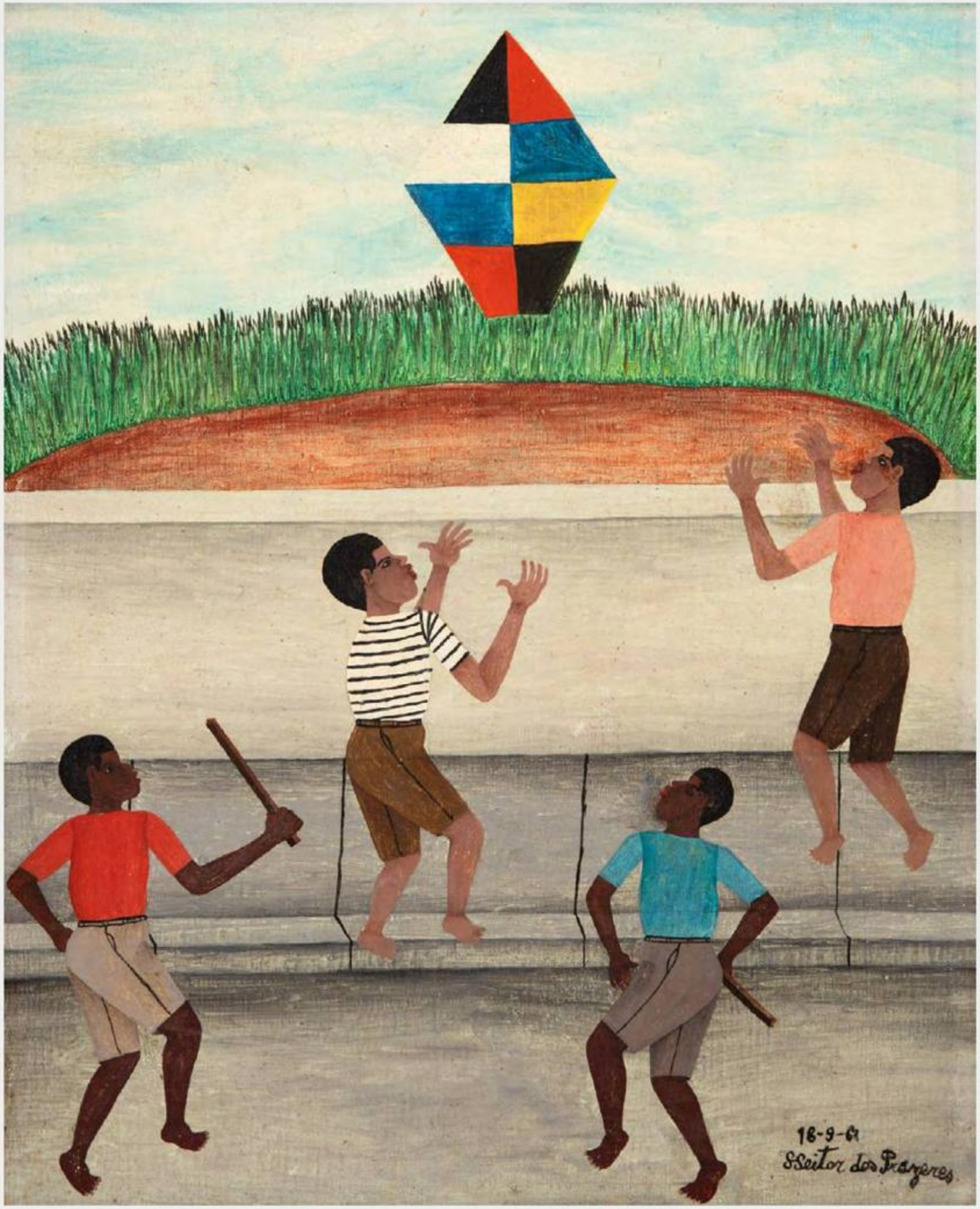
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Heitor dos Prazeres foi pintor, compositor e músico, cuja obra estabelece uma ponte entre a cultura popular brasileira, a música e as artes visuais. Nascido em 1898, no Rio de Janeiro, destacou-se como figura central na vida cultural da cidade, contribuindo para o desenvolvimento inicial do samba e criando um rico e singular conjunto de obras visuais.

Autodidata na pintura, Heitor começou a produzir arte na década de 1930, retratando cenas do cotidiano carioca — especialmente dos bairros populares e rodas de samba que frequentava. Suas obras são marcadas por cores vibrantes, perspectivas planas e composições rítmicas que ecoam a energia sincopada da música brasileira. Festas de rua, desfiles de carnaval, danças populares e momentos íntimos da vida comunitária são temas recorrentes, transformando sua produção em um registro visual da cultura afro-brasileira no século XX.

Heitor dos Prazeres alcançou reconhecimento nacional e internacional, representando o Brasil na 1ª Bienal de São Paulo, em 1951, e exibindo suas obras em instituições de prestígio em diversos países. Sua pintura não apenas documenta uma cultura urbana vibrante, mas também afirma o papel central dos artistas negros na construção da identidade moderna do Brasil.

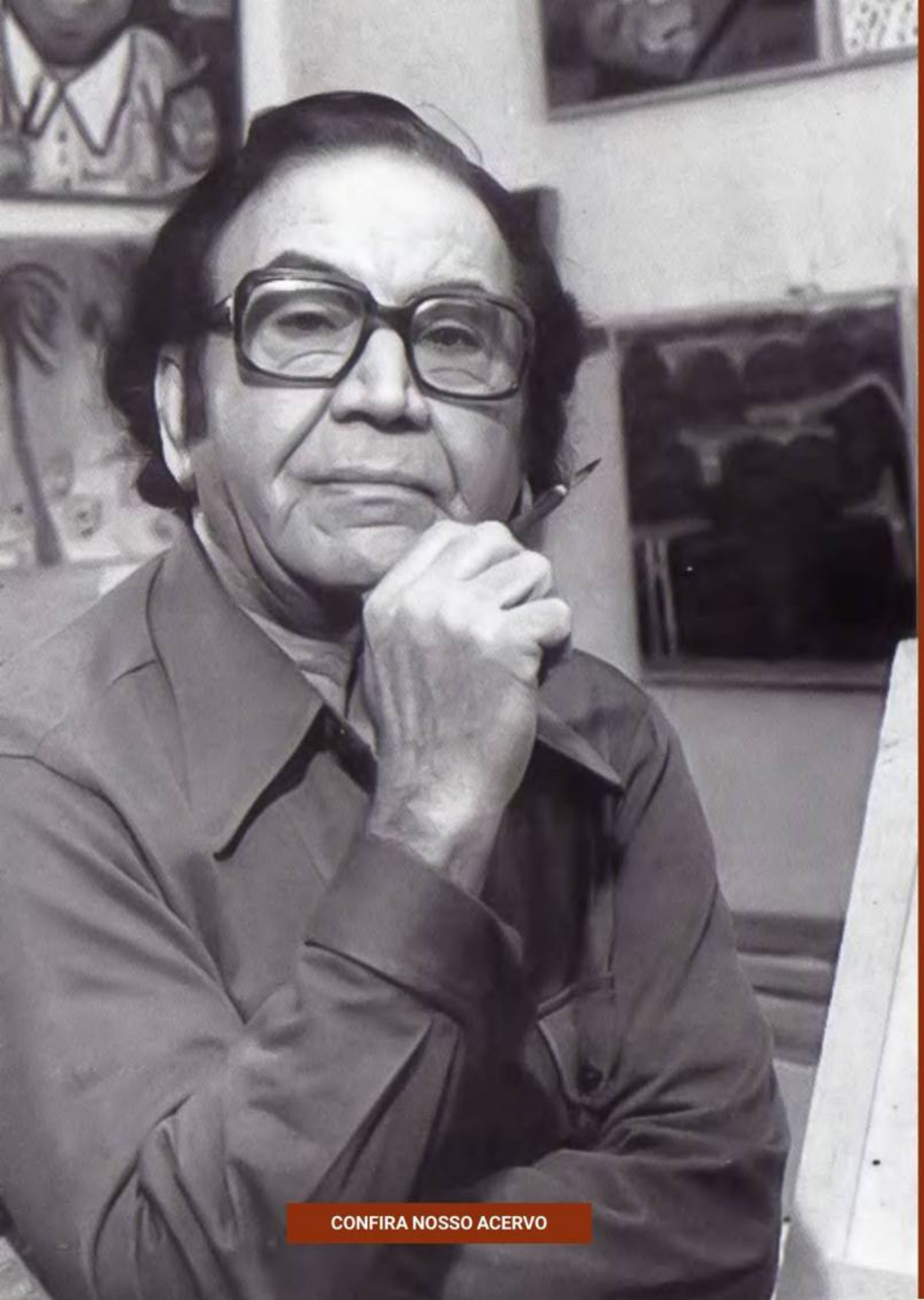
Sua presença nesta exposição apresenta ao público americano um artista cuja vida e obra expressam, de forma profunda, a interconexão entre música, arte e o tecido social brasileiro.



Heitor dos Prazeres

Soltando Balão, 1961
óleo sobre madeira
46 x 38 cm
assinatura inf. dir.





José Antônio da Silva (1909 - 1996)

Sales Oliveira, São Paulo - São Paulo, São Paulo, Brasil

Autodidata e um dos nomes mais emblemáticos da pintura brasileira de matriz popular, José Antônio da Silva construiu uma obra que transformou a experiência do interior paulista em linguagem pictórica de alcance universal. A partir da década de 1940, sua produção ganhou projeção ao registrar, com vigor e invenção formal, cenas de lavoura, colheitas de café, boiadas, enchentes, festas e procissões — um repertório que articula memória, trabalho e religiosidade.

Sua pintura é reconhecida pela síntese expressiva: campos cromáticos intensos, desenho firme, frontalidade das figuras e uma perspectiva frequentemente elevada, que organiza o espaço como um tapete de cores e ritmos. Ao mesmo tempo em que preserva o imaginário popular, Silva opera escolhas formais sofisticadas — simplificação de volumes, serialidade dos elementos, ênfase no gesto — que situam sua obra no diálogo com a modernidade artística do século XX.

Ao longo de sua trajetória, participou de exposições no Brasil e no exterior, conquistando o interesse de colecionadores e instituições. Sua obra integra acervos públicos e privados e segue referência para a compreensão da arte brasileira que nasce fora dos grandes centros, afirmando a potência poética e a complexidade estética do cotidiano rural.

Nesta exposição, os trabalhos de José Antônio da Silva reafirmam a atualidade de seu olhar: uma pintura que, ao narrar o território e suas gentes, alcança uma dimensão simbólica ampla — entre a crônica do dia a dia e a perenidade da forma.



José Antônio da Silva

Fazenda, 06/03/1949
óleo sobre tela
50 x 64 cm
assinatura ao centro

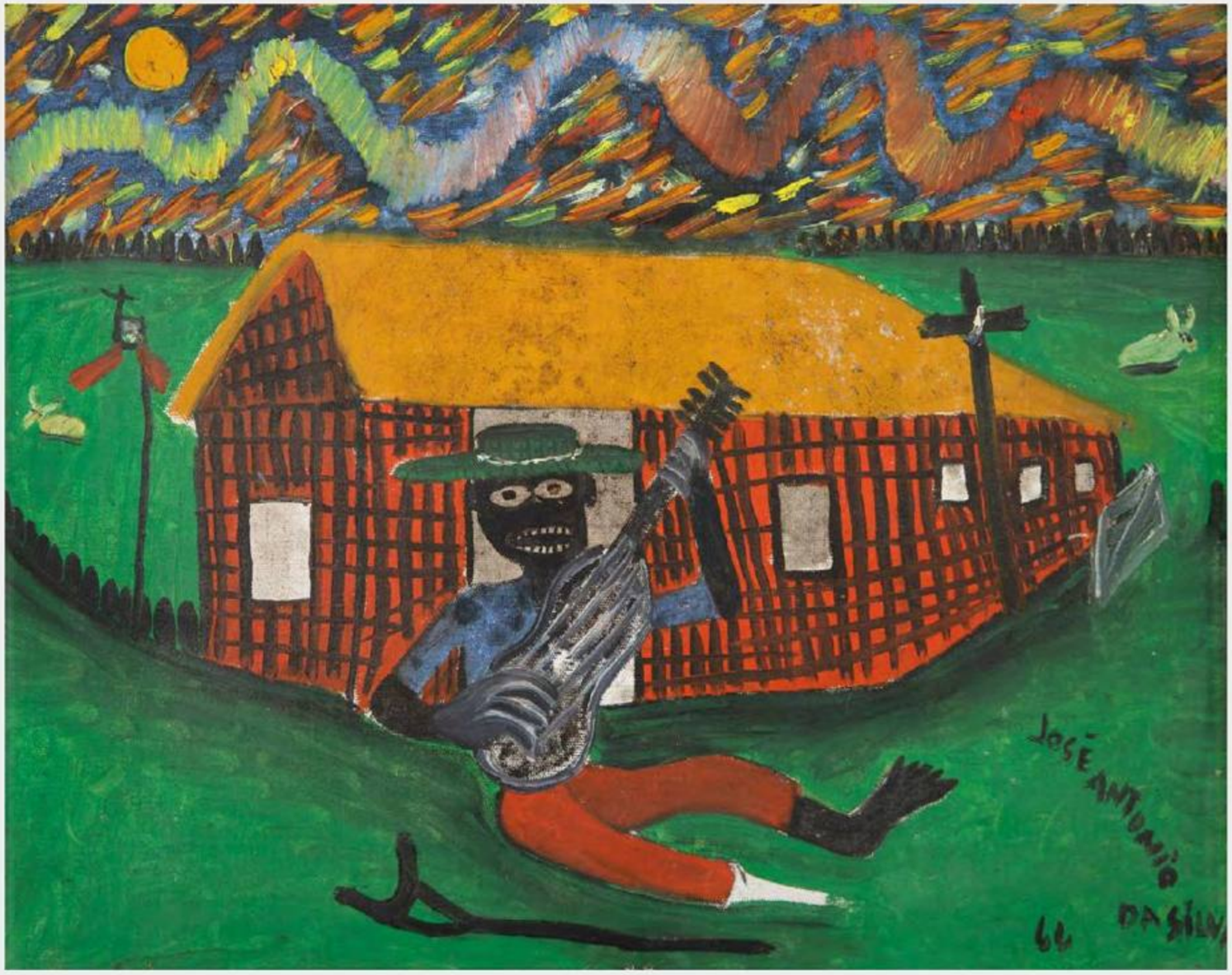
Participou das exposições:
"Entreolhares, poética d'alma brasileira", no Museu Afro Brasil, São Paulo, 2016, reproduzido no catálogo da mostra na pág. 62. "Queermuseu, cartografias da diferença na arte brasileira", Farol Santander, Porto Alegre, RG, 2017, na pág. 91.

José Antônio da Silva

Caçadores, 1950
óleo sobre tela
50 x 64 cm
assinatura inf. centro

Com dedicatória no verso.



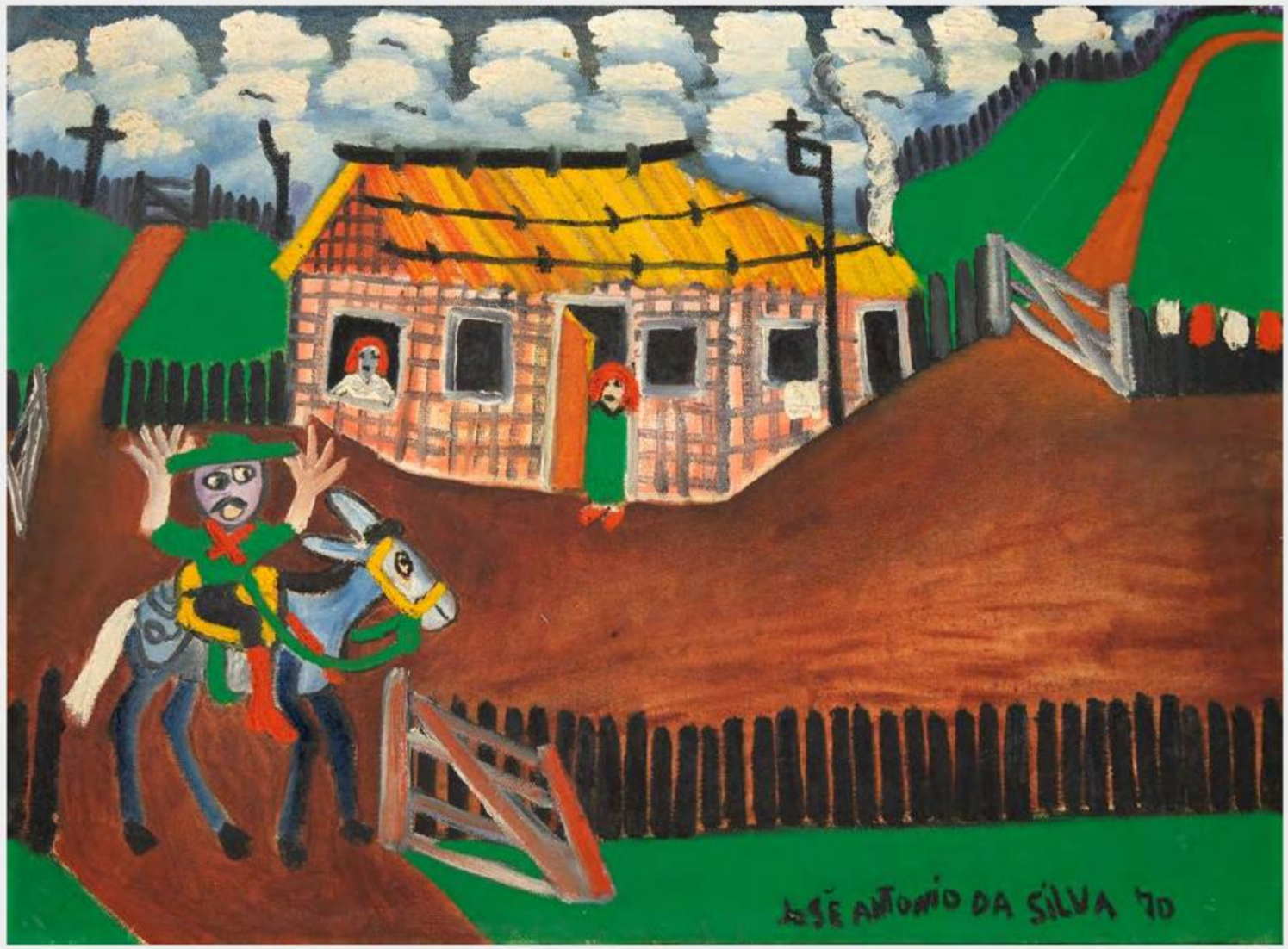


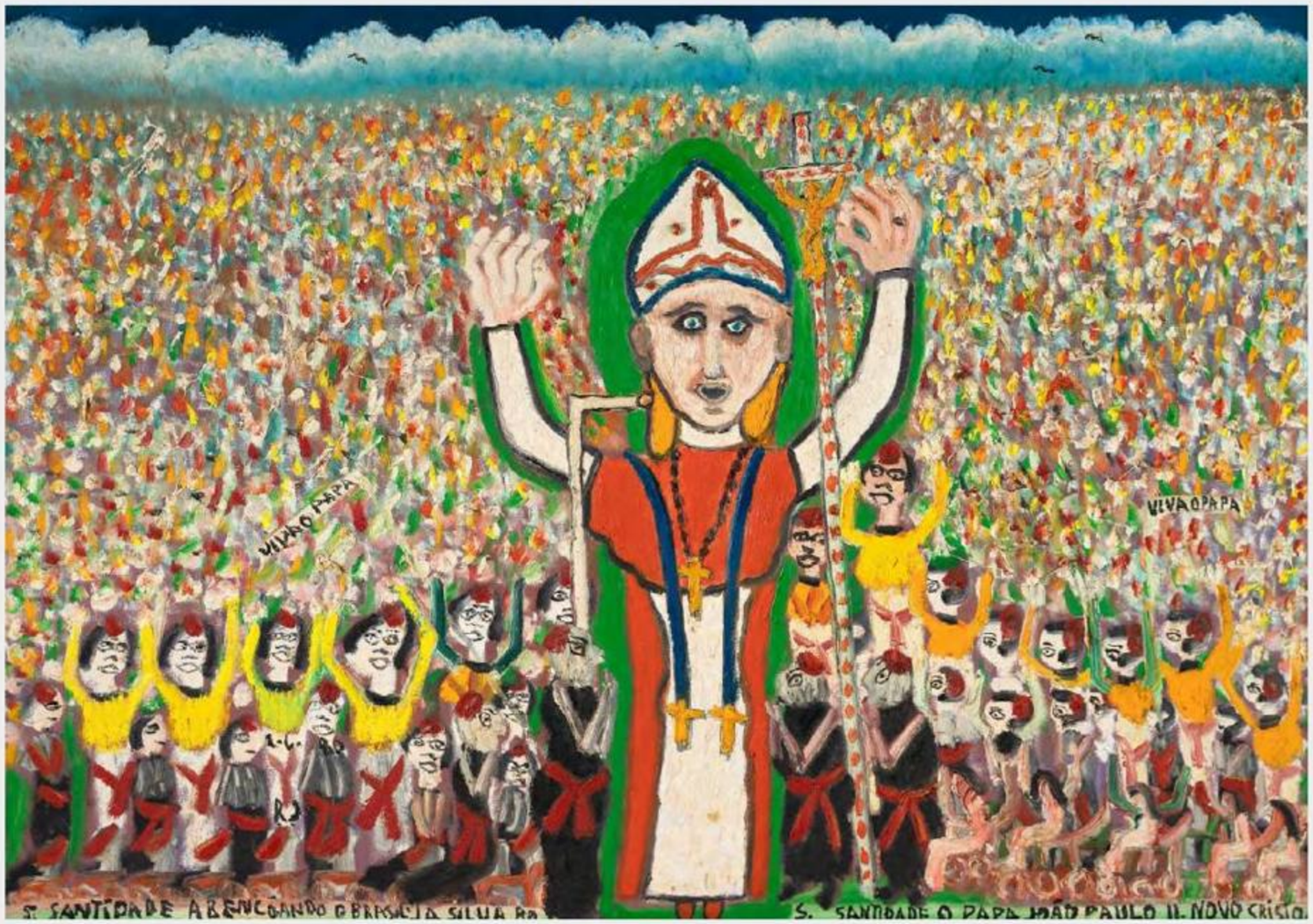
José Antônio da Silva

Violeiro, 1966
óleo sobre tela
38 x 48 cm
assinatura inf. dir.

José Antônio da Silva

Fazenda, 1970
óleo sobre tela
44,5 x 62 cm
assinatura inf. dir.





José Antônio da Silva

S. Santidade Abençoando o Brasil, 1980
óleo sobre tela
70 x 99 cm
assinatura no verso

José Antônio da Silva

Noivos, 1984
óleo sobre tela
37 x 22 cm
assinatura inf. esq.







CONFIRA NOSSO ACERVO

Maria Auxiliadora da Silva (1935 - 1974)

Campo Belo, Minas Gerais - São Paulo, São Paulo, Brasil

Pintora, bordadeira e costureira autodidata, Maria Auxiliadora da Silva desenvolveu uma linguagem visual profundamente original e marcante dentro da arte brasileira do século XX. Filha de uma mulher que incentivava a criação artística e integrante de uma família com diversos artistas, teve contato precoce com práticas manuais. Começou com o bordado aos 9 anos, passou pelo desenho com carvão e lápis de cor na adolescência e, aos 26, iniciou-se na pintura a óleo.

Sem formação acadêmica, sua obra é caracterizada por cores intensas, relevos feitos com massa acrílica, areia e até fios de cabelo, e por uma expressividade que funde memória pessoal, religiosidade afro-brasileira e vivência cotidiana. Sua produção retrata cenas urbanas e rurais, festas populares, rodas de samba, capoeira, cerimônias de terreiro, encontros amorosos e ambientes domésticos com grande atenção ao detalhe e à textura — como cortinas, colchas, roupas e elementos decorativos.

Entre 1968 e 1970, integrou o grupo artístico liderado por Solano Trindade em Embu das Artes, São Paulo, onde teve contato mais direto com práticas culturais afro-brasileiras. Já em São Paulo, passou a expor na Praça da República, onde foi descoberta pelo físico e crítico de arte Mário Schenberg. Ele a apresentou ao cônsul dos Estados Unidos, Alan Fisher, que organizou sua primeira exposição individual em 1970, na Mini-Galeria USIS, no Consulado Americano em São Paulo.

Esse marco ampliou sua visibilidade nacional e internacional. Participou da 10ª Bienal de São Paulo (1969) e, nos anos seguintes, teve obras expostas na Galeria Zimmer (Düsseldorf, 1972), na Art Fair de Basileia (1973) e em Paris. O Musée d'Art Naïf, na França, passou a integrar obras suas ao acervo em 1971.

Após sua morte precoce, aos 39 anos, sua obra foi exibida na 38ª Bienal de Veneza (1978), no Musée d'Art Naïf d'Île de France (1979), e em instituições como o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Em 2018, o MASP realizou uma grande retrospectiva com 82 pinturas, reafirmando sua relevância histórica.

Celebrada como uma das mais potentes vozes da arte popular e afro-brasileira, Maria Auxiliadora alia força estética e sensibilidade social, criando uma obra que ressoa intensamente no panorama artístico internacional.



Maria Auxiliadora Da Silva

Enterro, 1970
guache sobre papel
16 x 23,5 cm
assinatura inf. esq.

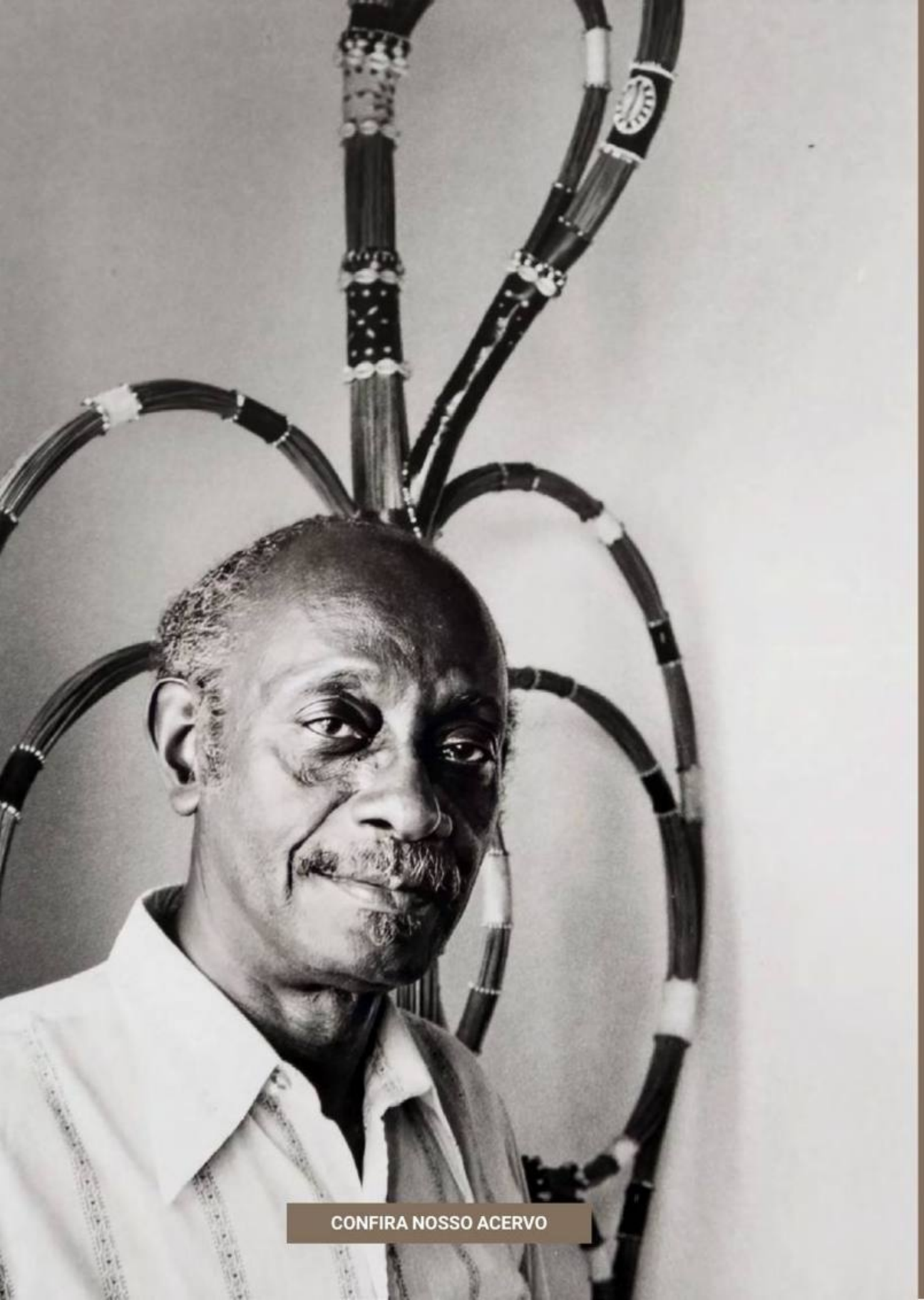
Reproduzido no livro da exposição da artista realizada no MASP.

Maria Auxiliadora Da Silva

Sem Título, 1973
guache sobre papel
46 x 62 cm
assinatura inf. dir.







CONFIRA NOSSO ACERVO

Mestre Didi (1917 - 2013)

Salvador, Bahia - Brasil

Deoscóredes Maximiliano dos Santos, conhecido como Mestre Didi, foi um artista, escritor e sacerdote das religiões afro-brasileiras, cuja obra constrói pontes entre espiritualidade, tradição e arte contemporânea. Nascido em Salvador, Bahia, em 1917, tinha raízes profundas no Candomblé e no legado cultural iorubá, sendo filho de Mãe Senhora, importante ialorixá, e neto de Maria Bibiana do Espírito Santo, a célebre Mãe Aninha, fundadora do respeitado terreiro Ilê Axé Opô Afonjá.

Iniciado nas tradições religiosas afro-brasileiras desde cedo, Mestre Didi alcançou o título de Assogba, o mais alto grau na hierarquia espiritual iorubá no Brasil. Sua prática artística era indissociável de seu papel religioso: esculturas e objetos que criava carregam simbolismo sagrado, funcionando ao mesmo tempo como obras de arte e manifestações de um saber ancestral.

Produzidas principalmente com materiais orgânicos e simbólicos como conchas, contas, palha, sementes e tecidos, suas esculturas estão enraizadas na mitologia e na cosmologia iorubá. Cada peça é concebida como uma manifestação do axé — a força vital — e revela um vocabulário visual que conecta a herança africana ao discurso artístico contemporâneo.

Além de artista, Mestre Didi foi um líder cultural e intelectual, autor de livros e ensaios que documentaram e preservaram as tradições afro-brasileiras. Sua obra foi exibida internacionalmente, com apresentações em instituições como o Musée Dapper (Paris), o National Museum of African Art – Smithsonian Institution (Washington, D.C.) e o Museu de Arte Moderna da Bahia (Brasil).

Ao longo de uma carreira que atravessou décadas, Mestre Didi expandiu os limites da escultura contemporânea, ao mesmo tempo em que preservou e honrou o conhecimento sagrado de sua linhagem. Sua presença nesta exposição oferece ao público a oportunidade de entrar em contato com um trabalho profundamente espiritual, culturalmente enraizado e esteticamente inovador — uma contribuição rara e valiosa para a história da arte brasileira e mundial.



Mestre Didi

Sem título
escultura em madeira, couro pintado e búzios
140 x 77 x 15 cm





Miriam Inêz da Silva (1948 - 1996)

Trindade, Goiás - Rio de Janeiro - Rio de Janeiro, Brasil

Nascida em Trindade, na região metropolitana de Goiânia, Mirian Inêz da Silva cresceu em um ambiente marcado por tradições religiosas, festas populares e narrativas de caráter lendário, elementos que viriam a compor o imaginário visual de sua obra. Na década de 1960, transferiu-se para o Rio de Janeiro, acompanhando o intenso movimento migratório do interior para os grandes centros urbanos. Na capital fluminense, aprofundou sua formação artística no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde estudou xilogravura com Ivan Serpa.

Sua produção inicial em gravura lhe garantiu presença em importantes mostras institucionais, como as Bienais de São Paulo (1962 e 1964), Bienais da Bahia (1966 e 1968) e a Bienal de Gravura de Santiago (1969). A partir dos anos 1970, direcionou-se quase integralmente à pintura, adotando como suporte tábuas de madeira recortadas e criando um recurso visual característico: molduras pintadas, geralmente em tons terrosos, que delimitam um campo branco no qual as figuras se movem em composições vivas e ritmadas.

Inspirada tanto na vida urbana quanto nas tradições culturais brasileiras, Mirian retratou cenas de carnaval, rodas de samba, encontros populares e manifestações políticas, além de situações íntimas e domésticas. Apesar de muitas vezes associada à chamada "arte popular", sua produção revela complexidade formal e narrativa, articulando crítica social, humor e teatralidade. Sua obra ocupa um lugar singular no panorama da arte brasileira, unindo memória, observação e invenção plástica.



Mirian Inês da Silva

Sem Título, 1978
óleo sobre madeira
45 x 33 cm
assinatura inf. dir.

Mirian Inês da Silva

Sem Título, 1980
óleo sobre madeira
16 x 30 cm
assinatura inf. dir.





Mirian Inês da Silva

Sem Título, 1988
óleo sobre madeira
50 x 36 cm
assinatura inf. dir.

Mirian Inês da Silva

Casal, 1988
óleo sobre madeira
25 x 15 cm
assinatura direita







Raimundo de Oliveira (1930 - 1966)

Feira de Santana, Bahia - Salvador, Bahia - Brasil

Raimundo de Oliveira foi um pintor, gravador e desenhista brasileiro cuja obra constrói pontes entre o sagrado e o popular, combinando narrativas bíblicas com a imagética, as cores e os ritmos das tradições culturais do Brasil. Enraizada na herança vibrante do Nordeste, sua arte integra temas religiosos universais a paisagens, símbolos e celebrações locais.

Introduzido à pintura e à iconografia religiosa por sua mãe — também pintora de temática devocional —, Oliveira desenvolveu desde cedo uma forte ligação com a arte sacra. Após seus primeiros estudos em Feira de Santana, mudou-se em 1947 para Salvador, onde ingressou na Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia, estudando com Maria Célia Amado Calmon e aproximando-se de artistas como Mario Cravo Jr. e Jenner Augusto.

Sua produção inicial, do final dos anos 1940 ao início dos anos 1960, é marcada por um estilo expressionista, com paleta escura, contornos dramáticos e figuras de intensa carga emocional, remetendo à obra do pintor francês Georges Rouault. A partir de meados dos anos 1960, seu trabalho passou a adotar cores mais vibrantes, composições geométricas dinâmicas e figuras menores, por vezes humoristicamente distorcidas. Nessa fase, as narrativas bíblicas foram reinterpretadas à luz da cultura popular brasileira, incorporando cenas de procissões, festas folclóricas e tradições como o bumba meu boi.

Em 1966, pouco antes de sua morte, foi publicada a Pequena Bíblia de Raimundo de Oliveira, com xilogravuras acompanhadas de prefácio do escritor Jorge Amado. Postumamente, sua obra seguiu conquistando reconhecimento, com a edição de Via Crucis em 1982 e a inauguração da Galeria Raimundo de Oliveira, em Salvador. Hoje, seu legado permanece como uma voz singular na arte brasileira, unindo espiritualidade e cultura popular em uma linguagem visual vívida e profundamente enraizada.



Raimundo de Oliveira

Josué manda parar o sol, 1964
óleo sobre tela
73 x 100 cm
assinatura no verso

Exposto como número 10 na exposição do artista na Galeria Bonino em 1964. Etiqueta da Galeria Bonino no verso.

Raimundo de Oliveira

Sem Título
óleo sobre tela
91 x 64 cm
assinatura no verso




MARIA CHAMPANHO TA



CONFIRA NOSSO ACERVO

Rosina Becker do Valle (1914 - 2002)

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro - Brasil

Rosina Becker do Valle foi uma pintora brasileira associada à tradição da arte naïf. Começou a pintar relativamente tarde, em 1955, inicialmente por lazer, enquanto se dedicava à vida doméstica. Pouco depois, matriculou-se na Escola do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, onde foi aluna de Ivan Serpa, um dos nomes centrais do modernismo brasileiro.

Participou do Salão Nacional de Belas Artes entre 1967 e 1969 e representou o Brasil nas V e VII Bienais de São Paulo. Ao longo de sua trajetória, apresentou exposições individuais e coletivas em diversas cidades do Brasil e do exterior.

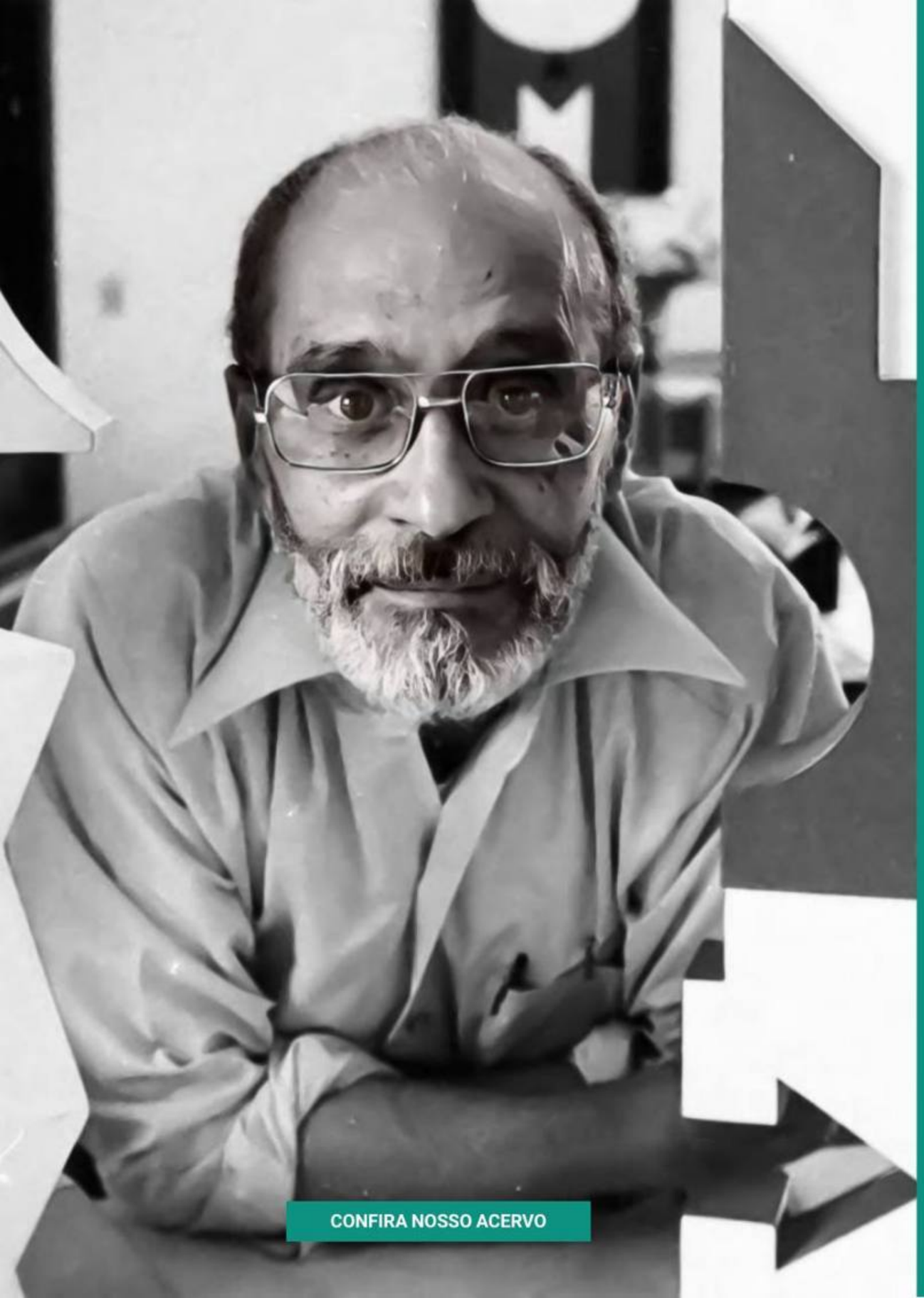
Sua obra tem como temas recorrentes o folclore, as florestas e a religiosidade, especialmente a representação de santos. Trabalhos seus integram acervos de instituições como o Musée d'Art Naïf de L'Île de France, o Museu de Arte Moderna de Hamburgo e o Museu de Arte Moderna de Buenos Aires. Suas criações também foram reproduzidas em publicações no Brasil, Suíça, Inglaterra e França, consolidando seu lugar como uma das artistas mais reconhecidas do campo da pintura naïf no século XX.



Rosina Becker Do Valle

Foliões, 1956
óleo sobre tela
63 x 96 cm
assinatura inf. esq.





CONFIRA NOSSO ACERVO

Rubem Valentim (1922 - 1991)

Salvador, Bahia - Brasil

Rubem Valentim foi pintor, gravador e escultor brasileiro cuja obra constrói uma ponte entre a abstração modernista e o rico universo simbólico da cultura afro-brasileira. Nascido em Salvador, Bahia, em 1922, cresceu imerso nas tradições visuais e rituais do Candomblé e do catolicismo, influências que moldaram profundamente seu vocabulário artístico.

Autodidata em seus primeiros anos, começou a pintar na década de 1940 enquanto cursava Odontologia na Universidade Federal da Bahia. No início dos anos 1950, decidiu dedicar-se integralmente à carreira artística, participando de exposições coletivas e mudando-se para o Rio de Janeiro, onde se integrou à cena modernista local. Desenvolveu então uma linguagem singular de formas geométricas inspiradas em objetos cerimoniais afro-brasileiros — como atabaques, lanças e emblemas sagrados —, depuradas em composições abstratas marcadas por forte contraste cromático e equilíbrio estrutural.

Valentim participou de importantes exposições internacionais, incluindo a Bienal de São Paulo (1959, 1961, 1963, 1967), a Bienal de Veneza (1972) e a Bienal de Artes Gráficas de Liubliana, entre outras. Viveu também em Roma entre 1962 e 1966, período em que aprofundou seu diálogo com a arte abstrata internacional, reafirmando ao mesmo tempo a identidade cultural de suas raízes brasileiras.

Defensor convicto do reconhecimento da contribuição afro-brasileira para a cultura nacional, Valentim produziu manifestos e textos em defesa de uma "linguagem visual universal" nascida da herança africana do Brasil. Sua obra integra importantes acervos, como o do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e do Museum of Modern Art (MoMA), em Nova York.

Por meio da síntese entre simbolismo ancestral e abstração modernista, Rubem Valentim construiu um legado que reafirma tanto a singularidade da cultura brasileira quanto seu lugar no modernismo global.



Rubem Valentim

Emblema 78, 1978
acrílica sobre tela
73 x 100 cm
assinatura no verso

Participou da Exposição Rubem Valentim, Galeria Paulo Darzé, 2002. Reproduzido no catálogo da mostra. Participou da exposição "The Brazilian Trace - A Riscadura Brasileira - Rubem Valentim", com curadoria de Cristiano Raimondi e Daniel Rangel no Consulado Brasileiro em Roma, 2022. Publicado no catálogo da mostra, p. 100.





Waldomiro de Deus (1944)

Itagibá, Bahia - Brasil

Waldomiro de Deus é um dos nomes mais expressivos da arte popular brasileira contemporânea, reconhecido por sua pintura vibrante e repleta de narrativas fantásticas, sociais e oníricas. Nascido em 1944, na zona rural da Bahia, mudou-se ainda criança para São Paulo, onde trabalhou em diversos ofícios antes de dedicar-se integralmente à arte.

Autodidata, iniciou sua produção artística no final da década de 1960, pintando cenas que misturam elementos do cotidiano, crítica social, religiosidade e imaginação. Sua paleta intensa e o traço livre e expressivo criam composições onde figuras humanas, animais e paisagens convivem em um universo simbólico e colorido.

Ao longo de sua carreira, Waldomiro participou de importantes exposições no Brasil e no exterior, incluindo a Bienal de São Paulo (1971) e mostras em países como França, Alemanha, Suíça e Estados Unidos. Suas obras integram acervos de instituições como o Museu Afro Brasil (São Paulo) e o Musée International des Arts Naïfs Anatole Jakovsky (França).

Sua pintura, por vezes associada à tradição naïf, vai além do ingênuo, revelando um olhar crítico sobre as desigualdades, os contrastes sociais e as tensões culturais brasileiras, sempre filtrados por uma imaginação fértil e um senso de humor peculiar.

Com mais de cinco décadas de produção contínua, Waldomiro de Deus mantém-se como uma voz singular da arte brasileira, preservando a liberdade criativa e a força expressiva que marcaram sua trajetória desde o início.



Waldomiro de Deus

Menina no Balanço, 1970
óleo sobre tela
68 x 53 cm
assinatura inf. dir.



Jacob Klintowitz

Jacob Klintowitz (Porto Alegre, RS, 1941) é escritor, crítico e editor de arte, conferencista e jornalista. Figura central da crítica de arte brasileira, publicou mais de 190 livros — entre obras de teoria da arte, estudos sobre arte brasileira, livros de artista e de poesia — e escreveu milhares de artigos em veículos como Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro) e Jornal da Tarde (São Paulo).

Foi curador do Museu Brasileiro da Escultura e do Espaço Cultural Citi. Atualmente, é conselheiro do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi e do Museu Judaico de São Paulo. É também editor do capítulo Arte/Ensaio Visual, da revista digital Arte & Crítica, da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

Ao longo de sua trajetória, recebeu duas vezes o Prêmio Gonzaga Duque da ABCA, pela atuação crítica, e foi homenageado em outras duas ocasiões pela mesma instituição por sua significativa contribuição cultural.

Com a Galeria Frente, realizou projetos de grande relevância como curador e autor de catálogos das exposições Candido Portinari. No Círculo de Luz na Asa do Sol (2023); A Realidade Máxima das Coisas (2024); e Walter Lewy. O Sonhador e a Sublime Criação do Mundo (2024–2025).

Reconhecido por sua escrita lúcida, acessível e comprometida com a história da arte brasileira, Jacob Klintowitz é considerado uma das vozes mais influentes da crítica de arte no País, contribuindo há mais de cinco décadas para a reflexão e difusão da arte moderna e contemporânea.

Jacob Klintowitz na exposição na exposição *Candido Portinari No Círculo de Luz - Na Asa do Sol*, Galeria Frente, 2024.

FRENTE + FARIA

Galeria Frente
R. Dr. Melo Alves, 400
Cerqueira Cesar - São Paulo - São Paulo

Horário de funcionamento
De segunda a quinta
das 10h às 19h
Sexta
das 10h às 18h
Sábado
das 10h às 14h

E - mail: galeriafrente@galeriafrente.com.br
Tel.: +55.11.3064.7575
Whatsapp: +55.11.3578.5919

Henrique Faria Fine Art
35 East 67th St. 4th Floor
New York, New York 10065

Horário de funcionamento
De terça a sexta
das 11h às 18h

E - mail: info@henriquefaria.com
Tel.: +1. 212.517.4609

"Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens reproduzidas neste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos o prazer em creditar as fontes caso se manifestem."

www.frentefaria.com